



## **O despontar de novos horizontes para as mulheres camponesas do Acre: os muitos aprendizados**

TERESA ALMEIDA CRUZ\*

Neste trabalho analisamos os significados históricos da participação das mulheres camponesas no processo de constituição do Movimento de Mulheres Camponesas do Acre, a partir das experiências sociais destas mulheres como seringueiras, ribeirinhas e camponesas, cuja resistência brota do chão amazônico, regado de suor e lágrimas, lutas e labutas, ternura e determinação na busca da construção de outras relações entre mulheres e homens, baseadas no respeito e na equidade de gênero.

A constituição histórica do Estado do Acre, a partir da abertura dos seringais no final do século XIX, configurou-se como um território de homens baseado no estereótipo da masculinidade do “cabra macho” nordestino, desconsiderando a participação e contribuição das mulheres. Entretanto, elas estavam presentes desde o primeiro momento, inclusive participando ativamente de todo o processo de produção da borracha.

A partir de 1976, no contexto de políticas desenvolvimentistas do Governo Militar para a Amazônia e de decadência da economia extrativista, os seringais acreanos foram comercializados a preços irrisórios para empresários do centro sul do país que passaram a expulsar as famílias de seringueiros para derrubar a floresta e implantar a agropecuária no Acre. Estes últimos se organizaram e criaram os empates para impedir a derrubada da floresta. E nos empates as mulheres e as crianças iam à frente para enfrentar os peões com seus motosserras e armas, defendendo suas colocações de seringa, os seus modos de vida.

Neste mesmo período elas também participaram da criação dos primeiros Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs) do Acre. Valdiza Alencar de Souza foi a articuladora da fundação do STR de Brasiléia para que as famílias de seringueiros lutassem pelo direito de permanência em suas colocações de seringa (CRUZ, 2000; NASCIMENTO, 2013).

A partir de 1988, no Estado do Acre, começam a nascer organizações específicas de mulheres trabalhadoras rurais através da atuação e assessoria do Setor Mulher da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Rede Acreana de Mulheres e Homens, visando promover a participação política destas mulheres, melhorar a sua auto-estima e saúde, e desenvolver

\*Universidade Federal do Acre, Doutora em História pela UFSC.

atividades produtivas para melhoria da qualidade de vida. Estes Grupos de Mulheres também foram criados no Sul do Amazonas, nos municípios de Boca do Acre e Pauini.

As mulheres que participavam destes grupos rurais constituíram em 2004 o Movimento de Mulheres Camponesas do Brasil (MMC), como um movimento autônomo de mulheres cuja luta central é a defesa da vida, lutando pela justiça, pela liberdade e pela solidariedade. Por isto que o MMC considera que “a unificação dos Movimentos Autônomos de Mulheres é um passo certo e firme contra o sistema neoliberal e machista que nos explora, oprime e discrimina” (MMC, 2004, p. 1). Portanto, o MMC tem uma postura classista e feminista bem definida, lutando também contra o racismo e todas as formas de violência contra a mulher. Um de seus lemas é: “Na sociedade que a gente quer, basta de violência contra a mulher”.

Após esta contextualização histórica do MMC, passemos agora a conhecer um pouco da atuação e resistência destas mulheres camponesas e dos seus muitos aprendizados nesta caminhada. Iniciemos pela trajetória da camponesa Eulália Ricardo da Silva, acreana que, durante muitos anos residiu no Projeto de Assentamento Dirigido Pedro Peixoto, no Km 75 da BR 317 – sentido Rio Branco – Boca do Acre, no município de Rio Branco/AC. Durante muitos anos ela participou do Grupo de Mulheres Hoje e Sempre, tornando-se uma liderança dele. Ela conta como começou a participar deste grupo:

*Olha lá no 75, tinha um Grupo de Mulheres e minha irmã participava, a Lindaura. Ela sempre me convidava. Eu não queria ir. Tinha a maior raiva de negócio de grupo, negócio de reunião, não queria nem saber de reunião! Quando se falava em negócio de reunião de CPT. Eu não sabia o que era assim a entidade, né, CPT. Digo, que, quero saber lá o que é isso? Já trabalhava na escola, mas trabalhava assim de 1ª a 4ª série. E fazia os treinamento. Desinformada mesmo, né? Depois com o tempo, eu senti necessidade de tá no meio das colegas, das companheiras. Depois eu comecei a achar bonito as menina fazendo os encontro; falava em fazer piquiniqui, uma coisa assim. Eu fui me interessando. Aí quando eu participei da primeira reunião, do primeiro encontro, aí eu vi a coisa por outro lado, né? Que eu achava uma coisa e era outra. Aí foi muito bom! Aprendi a costurar um pouco. Eu não sabia nem cortar um calção, uma bermuda; eu aprendi. Foi muito bom! Depois teve um encontro das mulheres. A gente foi mostrar as roupas, desfilar. Depois foi filmado. Depois a gente via a gente passar. Então isso era assim um incentivo. Dava pra gente ficar mais animada e achar que o trabalho da gente tava sendo valorizado (SILVA, 2000. Entrevista).*

Este encontro que Eulália se refere é o 3º Encontro Estadual de Trabalhadoras Rurais, que aconteceu de 17 a 20 de setembro de 1992, em Rio Branco, promovido pela CPT e a Rede Acreana de Mulheres e Homens para troca de experiências e fortalecimento do movimento de mulheres. Ela mesma continua falando do significado da participação neste evento:

*Era o encontro das mulheres trabalhadoras rurais. Deram até certificado e tudo. Eu tenho o certificado aí. Eu me senti bem importante, a gente era entrevistada, fazia trabalho. Depois a gente viu. Aí repassava no grupo quando a gente retornava. Fazia com que as outras fossem crescendo também, acreditando no trabalho das mulheres. Significou muita coisa pra mim assim, já tinha o meu próprio trabalho e nem o meu próprio trabalho eu via esse crescimento como eu vi no grupo de costura. Até, às vezes, algumas colegas falava do preconceito, aí eu falava: “Tá muito pra frente, tá ficando muito enxerida”. Porque eu sempre aprendi a conversar mais, a passar essa força pra outras colegas até quando colegas ia falar de sindicato, tinha que sindicalizar – também não gostava de sindicato – Aí quando eu conheci esse encontro, que eu aprendi muito lá, muito importante. Tinha as dinâmicas, palestras, tinha os trabalhos. Achei muito importante a gente era valorizada. E aí eu tinha força pra passar pra outras. Eu mostrava o lado negativo, e agora estava achando o positivo e mostrando, participando. E foi de grande significado pra mim. Até hoje, não esqueci (SILVA, 2000. Entrevista).*

A participação de Eulália neste encontro e nas reuniões do Grupo de Mulheres descortinou um novo horizonte em sua vida. Ela pôde se despir dos preconceitos que tinha em relação à organização das mulheres trabalhadoras rurais. Os trabalhos que elas produziam no grupo foram apresentados em forma de desfile, ela foi entrevistada. Isto fez com que ela se sentisse importante, valorizada. Também ela descobriu a importância do movimento sindical.

Neste 3º Encontro Estadual de Trabalhadoras Rurais, que teve como fio condutor a construção da identidade da trabalhadora rural, participaram 29 mulheres dos grupos da BR 317 – trecho Rio Branco – Boca do Acre – sendo 07 do mesmo grupo da Eulália. As mulheres deixaram os seus afazeres domésticos e foram para Rio Branco. Isto por si só já é uma quebra dos estereótipos de gênero, pois a mulher sai de casa, do espaço privado e começa a circular em um espaço público, se encontrar com companheiras de várias regiões do Estado para troca de experiências e discussão das questões comuns e esclarecimentos sobre os seus direitos. Neste sentido, o sair de casa aumenta o espaço da sociabilidade, aumentando a rede de relacionamentos e conhecimentos, como aborda Sader (1998). O depoimento de outra trabalhadora rural do Km 75 da BR 317, Deusdete Moreira da Silva que, inclusive levou uma criança pequena, também expressa a importância deste encontro:

*Eu achei importante porque era mulher de todo canto. Cada qual de sua importâncias, o seu trabalho, né? Que no fim das conta foi muito ótimo essa aula, né, delas de fora e nós aqui. Todo mundo, todo grupo teve que se apresentar no seu artigo. Daqui do ramal foi os guardanapo de labirinto. Muito importante! Do ramal do 80 foi as colcha, né? Aí dos outro ramal foi assim um negócio feito de cipó... umas bolsa. E assim foi uma coisa que, uma coisa muito importante que era. Foi muito bonita aquela aula! Muito importante, eu achei. Eu também fiquei muito cansada porque esse minino tinha uns três mês. Esse minino fez um sucesso... Foi uma aula tão bunita e foi tão cansada com esse menino (SILVA, 1997. Entrevista)*

Dona Deusdete que nunca teve a oportunidade de sentar em um banco de escola, chegou a comparar o encontro como “uma aula tão bunita”, pois além de conhecer as experiências de mulheres de outros recantos do Estado, ter momentos de lazer, pôde refletir sobre a identidade da trabalhadora rural e adquirir novos conhecimentos acerca da conjuntura agrícola e das trabalhadoras rurais, do capitalismo, das relações de produção e reprodução na zona rural – temas abordados nesse encontro.

A participação no movimento de mulheres também proporciona que as lideranças do mesmo venham a Rio Branco para resolver e encaminhar questões do grupo. A Maria Aparecida Melo Smangoszevski (Cida), paranaense, 31 anos de idade, coordenadora da Associação de Mulheres Nova Esperança de Boca do Acre/AM, fala de seu crescimento, quando começou vir a Rio Branco sem o seu marido:

*Vich! É muito, bastante. Já deu pra conhecer porque eu mesma não vinha só. Quando eu vinha era com ele. Ai a gente tando com ele fica acomodada, não se preocupa aonde tá indo, né? Porque ele tá levando a gente. E a gente vindo só não. É aquela preocupação de conhecer. Ai a gente passa a conhecer mesmo, né? Aprender a caminhar sozinha. Eu mesma não vinha só nunca. Era sempre junta com ele. Não sabia de nada. Agora não, já muitos lugares eu sei. A gente demora a vim, vem direto não chega a conhecer tudo, mas aprende a chegar e sair só. Vou me libertando (SMANGOSZEVSKI, 1997. Entrevista).*

A experiência de Cida revela que o fato de precisar sair sozinha de casa é um processo de libertação porque vai aprendendo a se virar sozinha, a encontrar saída para as dificuldades, a andar na capital acreana, a ir ao comércio fazer compra de tecido para o seu grupo, a negociar. Isto possibilita à mulher a aprender a circular no mundo público, a resolver o que precisa. Tudo isto eleva a auto-estima da trabalhadora rural, faz ela se sentir gente, se sentir

pessoa, se sentir capaz, a não ficar dependente de seu marido. É a mulher ampliando o seu espaço.

O Movimento de Mulheres Camponesas amplia o mundo das mesmas, tirando-as do isolamento, possibilitando-lhe novas experiências. Assim, a ribeirinha Raimunda Duarte, natural do município de Pauini/AM, um lugar que só tem acesso fluvial ou aéreo, conta o significado de sua participação em um encontro em Manaus, promovido pela Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR):

*Pra mim significou de grande importância, né, porque antes de nós de entrar no grupo - que tá com três anos - nós nunca tivemos uma oportunidade dessa. E hoje nós támo tendo essa oportunidade. A gente traz muita coisa. Eu achei muito importante a reunião que nós fomos. Discutimo sobre documento que é uma coisa muito importante, porque sem documento o camarada não comprova que ele não é nada, né?(DUARTE, 1999. Entrevista.)*

Além das informações acerca da campanha de documentação das mulheres trabalhadoras rurais – que está tendo um resultado social muito grande para as mulheres ribeirinhas – esta experiência permitiu que Raimunda conhecesse a sua capital, viajasse de avião, encontrasse outras pessoas, alargando as fronteiras de seu mundo ribeirinho, fortalecendo a sua capacidade de liderança no movimento de mulheres.

A experiência da Maria Alvenásio Ferreira (Meire) participando das reuniões da coordenação da Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais fez com que ela se sentisse importante e ampliasse a sua visão de mundo, o espaço de sociabilidade, inclusive no contato com os deputados, se "embrenhando" no Palácio do Planalto e passando a valorizar mais a sua condição de vida. Deixamos que ela mesma nos fale desta experiência tão significativa:

*A importância disso é que eu achei que eu tava ficando grande demais, eu tava crescendo, né? Quando muita gente - que nem eu até falo lá em casa - muita gente me procurava, Maria Alvenásio, Maria Alvenásio. E eu: "Poxa, eu tô ficando importante, uma pequenininha, mas no mesmo instante grande, né, participando de uma Articulação Nacional. Eu, pra falar a verdade, eu fiquei muito feliz! Eu tive muita dificuldade pelo um lado - que nem todo mundo viu! Mas, por outro lado, eu alcancei a felicidade, porque eu tive um conhecimento amplo, o conhecimento do que é lá fora, né? Aquilo pra mim foi um passeio, um aprender, né? [...] Eu conheci várias pessoas e até mesmo os deputados. Me embrenhei lá naquele Palácio do Planalto lá, com aquele pessoal - nunca tinha entrado lá - aprendi a desenvolver e aprendi a valorizar até mesmo aquilo que a gente tem em casa. Quem não tem*

*conhecimento, não valoriza muito. Ai quando eu saí eu passei a ver que não é só eu que sofro não, tinha gente que sofria mais do que eu. [...] Eu achava que não tinha valor nenhum e na verdade eu era rica. Eu achava que eu era feia, pobre e burra. Mas, na verdade, eu era bonita, era inteligente e não tinha nada de feia. Feio tava o meu espírito. Eu é que tava me considerando que o meu espírito tava feio, mas, na verdade, não é bem assim. (FERREIRA, 2001. Entrevista).*

A rica trajetória da colona Luzia Santos da Silva, a paranaense que migrou para Boca do Acre/AM, fez com que sua família, depois de tantas críticas à sua atuação no movimento de mulheres, reconhecesse os seus valores. Na hora de necessitar acompanhar sua mãe para um tratamento na capital, não tiveram dúvida: tinha que ser a Luzia porque é mais esperta:

*A minha mãe adoeceu lá, aqueles dias e tudo. Ai o que que aconteceu? Tem que ir uma pessoa daqui pra lá: "Ah, vai Luzia porque ela é mais esperta - Ai acharam que eu era mais esperta. Vai ela porque Nazaré não tem conhecimento com hospital, nem nada" Ai eu fui! Cheguei lá, a Santa Casa enorme, né? Lugar que você nunca andou; aquele monte de gente, pessoas que você nunca viu. Eu cheguei no médico, falei: "Oh, o problema da minha mãe é malária". O médico falou: "Ah, não! Como é que você sabe?" Eu sei porque eu já senti isto daí, eu já sofri esse mal que a minha mãe tá. Ai lá o médico concordou. "Só que eu vou dar um analgésico pra ela pra ela dormir, essa febre acalma". Ai vai eu ter que teimar com o médico pra que isso não acontecesse, senão depois não acusava, né? (SILVA, 1988. Entrevista.)*

A atuação de Luzia na Comunidade Eclesial de Base e no movimento de mulheres fez com que ela desenvolvesse a capacidade de enfrentar e superar obstáculos, inclusive tendo coragem até de teimar com um médico que, normalmente, não aceita nenhum tipo de questionamento. Todavia, a sua própria experiência com tantas malárias que ela contraiu no Projeto de Assentamento Dirigido Pedro Peixoto fez com que ela se colocasse contrária à posição do médico. Essa coragem de falar ela desenvolveu, sobretudo, no Grupo de Mulher. Então, na seqüência desta mesma entrevista, a Luzia fala de como no movimento de mulheres é útil para si e para outras companheiras, inclusive denunciando a situação de violência que, infelizmente, muitas ainda enfrentam:

*Tá me servindo muito e pra outras companheira, 6a? Porque a gente ver que tem companheira que sofre muito ainda. E eu acho que muito que eu tenho feito, mas ainda tem muito a fazer, 6a? Porque naquela Reserva mesmo, ó lugar pra mulher sofrer ali. Você é conhecedora da situação lá também. Mulher que apanha, o marido bate – que nem essa que foi lá em casa também – o marido bate, deixa as*

*marca, né? Então é tudo isso que faz a gente fazer nessa luta, tentando melhorar pelo menos um pouco dessa situação. (SILVA, 1998. Entrevista)*

O sentimento de solidariedade é muito grande entre as mulheres camponesas que se irmanam para superar todas as formas de violência sexista. Nas regiões mais isoladas, onde circula menos a informação, às vezes, a violência se torna mais forte, pois as mulheres ainda não sabem os seus direitos ou não têm condições de denunciar a violência. É interessante que, numa reunião, quando se começa a discutir esta questão e algumas mulheres começam a partilhar a sua vivência de violência é muito comum a expressão do riso. Um sinal de que esta temática mexe com todas de uma forma ou de outra.

A maior parte dos maridos das camponesas não gosta que elas participem dos grupos de mulheres, gerando conflitos familiares. Todavia, à medida que elas conseguem perseverar na participação no grupo, vão conseguindo a compreensão de seus maridos. Também vão vencendo a timidez, desenvolvendo as suas potencialidades como aponta a rica experiência da Sandra Arruda Tavares, que atuou como coordenadora da Associação de Grupos de Mulheres Trabalhadoras Rurais (AGMTR) e foi representante da Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR) no Estado do Acre:

*E eu comecei a mi interessar só que eu era muito tímida quer dizer eu sou muito tímida. Aí eu ia só pra ouvir ficar observando e tal e acabou que eu comecei a participar mais ativamente, participar das reuniões da coordenação do grupo e comecei a gostar. E, de repente, fui convidada pra participar da coordenação. Só que era muito difícil pra mim porque eu não falava nada. Quando eu tinha que falar alguma coisa assim ficava logo nervosa, tremendo. Mas foi muito bom! Assim mudei muito mesmo. (TAVARES, 1997. Entrevista)*

À medida que a Sandra foi enfrentando a sua timidez ela foi desabrochando as suas potencialidades. Todavia, isto significa muitas saídas de casa para reuniões, encontros, cursos, audiências, mobilizações das trabalhadoras rurais; significa cada vez mais transitar do espaço privado para o público. Aí começam os problemas no interior de casa, como ela mesma explica:

*Passei por muitos problemas porque quando a gente entra num movimento assim a gente encontra um milhão de problema. Que tem muito aquela que você sair de casa, né? Aí que vai fazer coisa errada e tal, né? Então assim enfrentar esse tipo de problema não é fácil e resistir. Porque geralmente as mulheres se distanciam do movimento por conta desses tipos de problemas, esses tipos de crítica. (TAVARES, 1997. Entrevista)*

Por outro lado, quanto mais a Sandra foi precisando viajar em prol do movimento, os conflitos familiares foram aumentando a ponto de seu marido falar para ela escolher entre ele e o movimento. Aliás, alguns casais chegaram a se separar porque alguns maridos não conseguiram conviver com esta quebra de estereótipos de gênero. Com muita habilidade Sandra conseguiu fazer seu marido compreender que ela não poderia deixar de militar no movimento de mulheres e que nem gostaria de separar-se dele. Contudo, explica porque ele chegou a esta postura radical:

*Porque ele se sentia muito ofendido pelas pessoas dizer pra ele que não tinha autoridade sobre mim. Porque eu saía muito e deixava minha casa à toa. O que não é bem assim, né? Não de deixar a casa à toa. Você passa quatro, cinco dias, uma, duas semanas fora de casa. Ele é visto como uma pessoa que não tem poder. É uma questão de gênero. É muito complicado. Os homens da comunidade usam muito isso. Ai você sai mesmo e aquelas que saem vê realmente por esse lado, que o movimento de mulher existe pra destruir a família, destruturar a família e tal. E é essa visão de que os homens tem na comunidade rural. (TAVARES, 1997. Entrevista)*

A nova prática de Sandra, a partir de sua atuação na coordenação do movimento de mulheres trabalhadoras rurais contesta os padrões femininos vigentes gerando uma crise de autoridade dentro de casa, ou melhor, há um redimensionamento do poder, pois a mulher vai acumulando novos conhecimentos e ocupando novos espaços. É como analisa Céli Regina Jardim Pinto: "A saída do privado para o público envolve a entrada em uma rede de relações que pressupõe novos saberes, novas informações que, por sua vez, redefinem as relações de poder ao nível privado" (PINTO, 1992: p. 133-134). Esta nova relação é vista como uma ameaça à autoridade de seu marido. Este processo de criação e recriação de novos padrões de gênero é um processo conflitivo que gera muita insegurança, sobretudo, para o "poder do macho". Todavia, no bojo desta crise há a semente de uma nova relação em que ambos aprendam a se respeitar e valorizar independente dos papéis discriminatórios de gêneros e, de mãos dadas, lutem por um desenvolvimento sustentável, por dignidade para as populações da floresta. Este novo já está sendo vivenciado por Eulália, cujo marido não implicava com suas constantes saídas, como ela mesma narra:



*Não, graças a Deus. Sempre algumas pessoas dizia: “Ah, tu é besta de deixar a tua mulher ficar por aí passando, de sair pra fora e nem saber que ela tá fazendo”. Mas sempre a gente conversou. Graças a Deus, ele nunca disse nada não, nunca reclamou. Às vezes, chegava tarde do grupo de costura e ele já tinha até feito a janta. Eu tive essa sorte. Tenho que agradecer a Deus por isso. Enquanto outras colegas bem reclamavam. Mas eu, graças a Deus, eu tive essa sorte. E é muita sorte porque a maioria das mulheres, elas reclamam que não pode sair de casa, não pode chegar um pouquinho tarde que tem bronca do marido. Quando foi pra mim ir pra Pauini, eu falei e ele disse: “Eu não tenho nada com isso. Tu que sabe.” Então é eu que sei, então, eu já tô indo (SILVA, 2000. Entrevista).*

A experiência das mulheres ribeirinhas, situadas às margens dos rios Purus e Seruini, no município de Pauini também mostra que o envolvimento no Grupo de Mulheres abriu novos horizontes para as mesmas na descoberta de seus direitos, fundamentando os seus novos posicionamentos diante dos maridos, exigindo mais respeito. A ribeirinha Maria Nazaré Nunes, moradora do rio Purus, na Praia da Conceição, faz sua análise de gênero a partir do olhar de sua militância no movimento de mulheres:

*Mas o marido sempre, muitos dele sempre quer passar por cima da mulher, porque a mulher é mulher. Ela não tem que ter direito de viver mais acima do homem, tem que ser os dois concordado. Então, tem muito homem que quer que a mulher viva por baixo dele. E o Grupo de Mulher, pra nós foi muito bom, porque nós tamo conseguindo descobrir o direito da mulher pra que nós não fique mais por baixo do homem, a não ser tudo concordado. Nós tem que resgatar nosso valor, né? Dar valor a nossa pessoa como mulher, como mãe de família (SOUZA, 1997).*

Esta redescoberta do valor da mulher eleva a auto-estima da mesma e vai forjando uma mudança na mentalidade dos homens ribeirinhos, pois os novos conhecimentos e informações tiram a mulher da “ignorância” fazendo com que elas abram os olhos e já não aceitem mais as injustiças decorrentes de sua condição de mulher. É como afirma a ribeirinha Vanda Batista da Silva, residente na Boca do Seruini: “Porque antes de nós participar do grupo nós não sabia o que nós tamo sabendo, né? Porque nós não sabia quais são os nossos direitos; agora nós tamo sabendo, né? Agora eles não fazem mais o que faziam com nós, o que queriam fazer” (1997).

Esta descoberta significativa dos direitos faz com que as mulheres conquistem uma mudança de comportamento de seus maridos, não permitindo que sejam apenas objetos de cama e mesa. As mulheres descobrem o seu próprio valor, a sua dignidade, como fala a

ribeirinha Maria Nazaré de Oliveira, moradora do rio Purus, 35 anos: “Foi descoberto o valor que a mulher tem que nem agora. E eu acho que tá dando futuro pra nós. Pra quem se interessa mesmo, né? (1997)”

Assim, a atuação das mulheres no grupo é como uma luz que vai clareando o caminho e ilumina a família, a comunidade. As coisas que antes eram consideradas naturais como papéis da mulher e a própria educação que receberam passam a ser questionadas, como expressa a sábia Luzia que, antes de começar a participar do Grupo de Mulheres achava natural a educação diferenciada para meninos e meninas. Ela fala que sua mãe começava a ensinar logo cedo a lavar roupa, limpar casa, enquanto que os meninos, seus irmãos não fazia este tipo de serviço. Lembra que quando ela e sua irmã iam pra roça, junto com seus irmãos, quando chegava, sempre tinha uma tarefa doméstica para elas. Já para os seus irmãos não, eles iam tomar banho e descansar. Agora ela não acha este tipo de educação correta:

*Eu não acho correto porque da mesma forma que é educado os meninos deve ser educada a menina, né? Porque, por exemplo, se a gente ensina a menina a lavar louça, porque não pode ensinar o menino? Se nós ia pra roça trabalhar por que que os menino chegava e também não podia fazer a tarefa de casa, né? Então não é correto (SILVA, 1998).*

Esta nova mentalidade de Luzia só foi possível quando ela começou a militar no movimento, como ela mesma diz: “Depois que eu entrei no movimento, aí eu comecei a ver que todos são iguais. A diferença é apenas no corpo, mas, em direitos é igual”. Um dos elementos que colabora muito no despertar dos direitos, da equidade de gênero é a possibilidade de sair, de participar de encontros fora do âmbito do grupo, na capital acreana, em outros Estados, como mostra o depoimento de Sandra:

*Olha, é porque é assim, quando eu vivia lá, só na comunidade que a gente fazia aquelas discussões no grupo, e que a gente, as vezes, começava a discutir os problemas das mulheres. As vezes a gente ficava assim. Mas, e aí aonde que a gente vai buscar, como é que a gente vai resolver esses problemas, né? E, de repente, começava a surgir as ideias que a gente tinha que vim aqui na cidade participar mais do movimento, ficar conhecendo mais a conjuntura política né? Até pra você poder cobrar, conhecer seus direitos mesmos. Então assim a partir do momento que vem aqui pra cá pra cidade, começa a participar de outros espaços, a entrar em outros espaços, você vê que mundo é bem mais maior, o universo é bem maior do que aquela comunidadezinha que agente vivi lá. Então assim, daí depois eu comecei a viajar, participar de encontros, congressos sobre mulheres. Daí veio a necessidade também de um conhecimento maior, né? Eu acredito que é assim. Então eu voltei a estudar. Porque assim, eu não estudei mesmo! Antes eu, pra falar*

*a verdade, eu votava porque tinha que votar, entendeu? Assim, não tinha consciência. Ah, eu vou votar porque aquele é o candidato da minha mãe ou candidato do meu amigo lá. Então assim a partir que você começa a participar, que você ver que não é por ai, né? Tem toda uma decisão que esse cidadão vai, né, a gente tá dando um poder muito grande pra ele. Então agente tem que pensar duas vezes, né? Tem que escolher a pessoa certa. Então assim eu, eu aprendi muita coisa (TAVARES, 2000. Entrevista).*

A atuação de Sandra na coordenação do movimento ampliou o seu espaço de socialização, a rede de relacionamentos, descortinando um mundo bem maior que o seu universo na colônia. Ela pôde construir uma visão política crítica. Assim foi havendo uma politização do privado e uma privatização do público (MATOS, 1998: p. 105). Tudo isto despertou em Sandra o desejo de voltar a estudar, de adquirir novos conhecimentos para colaborar mais na caminhada de organização e luta das mulheres camponesas.

A participação no movimento de mulheres também tem despertado dimensões artísticas nas camponesas, como a Luzia que já compôs várias músicas interessantes que retratam a luta das mulheres e o desejo de construção de uma nova sociedade. Uma destas canções citamos a letra abaixo:

*Mulher e homem sendo organizados/ a sociedade eles poderão mudar  
Mulher e homem sendo organizados/ o mundo inteiro eles podem transformar*

**EI COMPANHEIRA, VENHA PRA CÁ  
MULHER E HOMEM VÃO O MUNDO TRANSFORMAR**

*Somos sementes de Margarida/ jogadas em terra e precisam germinar.  
Somos fumaça das que foi queimada/ nos olhos dos grandes nós iremos penetrar.*

*Temos exemplo também de Maria/ que um anjo a ela um dia anunciou  
Vai ser a mãe de um lindo menino/ que hoje é Jesus Cristo Salvador.*

*Temos o exemplo da mulher Verônica/ que a um soldado certo dia enfrentou  
Com muito carinho e cuidado/ o rosto de Cristo com a toalha ela enxugou.<sup>1</sup>*

A Luzia explica como um acontecimento do cotidiano lhe inspirou esta canção tão expressiva:

*O que me inspirou foi que, um dia, quando eu ia indo do encontro, então eu passei num lugar onde tinha uma queimada. Aí aquela fumaça veio pra dentro do ônibus e o pessoal começou a sentir apertado, né, com aquela fumaça. Então eu me*

---

<sup>1</sup> SILVA, Luzia Santos. Op.cit.

*lembrei, eu pensei se as mulher se organizar, a gente seria como uma fumaça, né? Que ela chega, ela vai penetrando, né? E assim com essa penetração talvez na rua, aí na praça, então a gente consiga chamar a atenção dessa sociedade injusta que tá, desses grande que tá no poder pra que eles vejam também a situação da gente. Aí quando fala que, também Verônica – que na Bíblia tem a parte da Verônica, que ela foi uma mulher que ela enfrentou o soldado, né? Ela representa a gente; representa essa nossa luta, representa muito isso quando a gente enfrenta essa sociedade. É como Verônica que enfrentou o soldado pra enxugar o rosto de cristo. Então, a mesma situação é a nossa. A gente enfrenta esse domínio que tá, esses poderoso que tá, em defesa dessas pessoas que tão aí atrás, né? Mulher que não pode sair, tem dificuldade pra sair, pra vir pra praça, pra gritar, pra dá esse grito de libertação. Então eu me inspirei nessa parte. Aqui quando fala de Maria [...] Quer dizer, também tem Maria, foi uma mulher que exatamente sentiu, ela sofreu essa perseguição que a gente sofre hoje. Porque você vê que ela engravidou ainda solteira. Imagina o que que o povo daquela época não pensou? Maria sem ser casada, ser grávida, né? E, pra muita gente, isso daí eles não acreditavam na vinda do Espírito Santo, né? Tanto é que José usou um pouco do machismo. Foi embora, né? Aí que o anjo apareceu e ele voltou pra poder aceitar a Maria. E aí a parte mais linda da Bíblia quem fez foi uma mulher. Que ela deu a luz a Jesus Cristo, né? [...] Margarida, “somo semente de Margarida”, né? Margarida também foi uma mulher que morreu, deu a vida pela nossa situação, né? Hoje ela é como uma semente pra nós. Ela morreu, mas cada um de nós somos uma semente. Que essa semente vai germinando, vai crescendo. Eu me basiei em cima disso aqui também. E ela, um dia, a intenção é que, um dia, ela vai transformar, né? Essas semente, um dia, elas vão transformar. E se Deus quiser, elas vão dá muitos frutos (SILVA, 1998. Entrevista).*

Esta mulher camponesa que também é artista consegue fazer uma análise interessante da situação da trabalhadora rural e da importância da organização para conquistar uma vida nova. Outro aspecto importante é que a letra desta música expressa toda uma dimensão de fé, uma releitura bíblica, fruto da atuação de Luzia nas Comunidades Eclesiais de Base, onde ela iniciou o seu processo de valorização do ser mulher e de libertação dos estereótipos de gênero. Através de suas várias composições musicais, cantadas pelas mulheres que atuam no movimento de trabalhadoras rurais, Luzia transmite uma mensagem de fé, esperança e incentivo para a organização e luta de suas companheiras. Suas músicas revelam também o seu crescimento como pessoa, como mulher, como cidadã; também expressam o sonho de mulheres e homens juntos transformarem o mundo.

Em 2013, o MMC Acre comemorou 25 anos de resistência e lutas. Neste sentido foi realizado o I Encontro de Mulheres Camponesas do Acre em novembro de 2013, contando com a participação de cerca de 150 mulheres. A coordenadora estadual do MMC, Edileuza Menezes da Silva, fala do significado de sua participação: “significa muito para mim, me motivou muito até na vida pelas questões brigadas, pelas questões que são minhas desde

criança. Essa questão da agroecologia, dos direitos das mulheres, contra a violência contra a mulher. Isso tudo assim pra mim é muito motivante”. Já a coordenadora do MMC do Bujari, Geovana do Nascimento Castelo Branco, destaca que:

*Para mim o MMC é tudo. É de fundamental importância neste movimento. Aprendi a valorizar mais a mãe terra, nossa água, nossa semente crioula e especialmente a vida está inserida em todas estas necessidades: terra, água, semente. Sem elas não existe futuro, não existe planeta terra. O MMC nestes 25 anos vem lutando por esses e outros direitos das mulheres do campo. E como já diz o nosso lema: “Fortalecer a luta em defesa da vida. Quando? Todos os dias. (BRANCO, 2014. Entrevista)*

Nesta trajetória de 25 anos de organização e luta as mulheres camponesas conquistaram a aposentadoria aos 55 anos, o salário maternidade, fizeram campanha de documentação para garantir os direitos previdenciários, melhoraram sua auto-estima e, sobretudo, como analisa a liderança Angelina Pereira Carvalho, “significa libertação, libertação de tudo. Para a própria sociedade ter mais respeito e ouvir e respeitar a voz e o direito das mulheres” (2013).

Além deste processo de libertação das mulheres, hoje a grande luta é pela implementação de um projeto de agricultura camponesa agroecológica, levando em consideração a defesa do meio ambiente e a construção de novas relações entre mulheres e homens e destes com a natureza (CRUZ, 2014).

Por tudo que narramos e analisamos, a participação das mulheres camponesas no MMC vai despontando novos horizontes para elas, alargando as redes de sociabilidade, ampliando a luta de enfrentamento ao capitalismo e ao agronegócio, produzindo alimentos saudáveis e sonhando com a construção de uma nova sociedade onde todos os seres humanos e a natureza sejam valorizados, respeitados e vivam com dignidade.

## Referências

BRANCO, Geovana do Nascimento. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Rio Branco, 2014.

CRUZ, Teresa Almeida. A mulher do sindicato. In: *Revista Wilson Pinheiro 20 anos depois*. Rio Branco: Fundação Elias Mansour, 2000.

\_\_\_\_\_. *Mulheres trabalhadoras rurais em movimento: Uma história de resistência – Vales do Acre e Médio Purus/ 1988-1998*. Rio Branco: EDUFAC, 2010. 186p.

DUARTE, Raimunda Lopes. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Seringal Içá, rio Purus, Pauini/AM, 05 de março de 1999.

FERREIRA, Maria Alvenásio. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Rio Branco, 02 de outubro de 2001.

MATOS, Maria Izilda S. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: *Gênero e debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1998. p. 105.

NASCIMENTO, Débora Souza do. *Valdiza Alencar de Souza: A mulher do sindicato*. Rio Branco: Ufac, 2013. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade). 123f.

OLIVEIRA, Maria Nazaré de. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz . Pauini, 1997.

PINTO, Céli Regina Jardim. Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 133-134.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 329p.

SILVA, Deusdete Moreira da. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Ramal Progresso – Km 75 da BR 317, Rio Branco/AC, 19 de outubro de 1997.

SILVA, Edileuza Menezes da. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Rio Branco, 2014.

SILVA, Eulália Ricardo da. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Rio Branco, julho/2000.

SILVA, Luzia Santos. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Rio Branco/AC, 16 e 17 de dezembro de 1998.

SILVA, Vanda Batista da. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz . Pauini, 1997.

SMANGOSZEWSKI, Maria Aparecida Melo. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Km 40 da estrada de Boca do Acre, setembro/1997.

SOUZA, Maria Nazaré Nunes de. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Pauini, 1997.

TAVARES, Sandra Arruda. Entrevista concedida a Teresa Almeida Cruz. Rio Branco, julho/2000.

